



Lei n. 959, de 3 de Julho de 1953

Dá o nome de "Padre Leonel França" a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "*Padre Leonel França*" a Rua 4 do Jardim Leonor, que tem início na Rua 3 e termina na Rua 41 do Jardim do Trevo.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 3 de julho de 1953.

A. Mendonça de Barros
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 3 de julho de 1953.

O Diretor,
Admar Maia

PADRE LEONEL FRANCA

Antônio Carlos Villaça

O padre Leonel Franca, S. J., foi simultaneamente um apologeta, um mestre espiritual, um fundador e reitor de Universidade.

Um polemista. E, felizmente, um contemplativo, da linha de Lallèmant e Surin. Conciliou em si uma dupla vocação — a de polemista e a de homem de oração ou de vida interior intensa.

Suas Obras Completas, em 15 tomos, são uma apologia do catolicismo. Ele foi rigorosamente um espírito tridentino. Dois livros o marcaram — os Exercitia Spirituallia e o Ratio Studiorum. Na plenitude do destino, ele traduziu três livros para a nossa língua: o Ratio Studiorum, isto é, o Método Pedagógico dos Jesuítas, e o Livro dos Salmos e a Imitatio Christi, que também o influenciou.

“Vá conversar com o Franca. A só presença dele é já uma grande luz”, escrevia Jackson de Figueiredo em carta de 22 de novembro de 1927 a Alceu Amoroso Lima.

Com Penido e Alceu, formou a trindade mais alta da inteligência católica brasileira. Sem dúvida nenhuma, o livro mais profundo e complexo do Padre Franca foi A Crise do Mundo Moderno, de 1940, livro de maturidade, escrito exclusivamente como livro, sem aproveitamento de textos, aulas ou conferências. “O mais bem sucedido ensaio brasileiro no plano da filosofia da cultura”, como observou o jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um estudo da evolução ideológica do Ocidente, nos últimos quatro séculos, à maneira dos Trois Réformateurs, de Maritain.

Seu primeiro grande livro — A Igreja, a Reforma e a Civilização, de 1922, é uma réplica erudita e alentada a Eduardo Carlos Pereira, e Leonel Franca ainda era um simples estudante de Teologia da Universidade Gregoriana, em Roma.

Esse livro o revelou de repente ao Brasil. Jackson, Laet e Alceu o saudaram com respeito e entusiasmo. Dois ensaios religiosos apareceram naquele ano de 1922, entre nós — Pascal e a Inquietação Moderna, de Jackson, e A Igreja, a Reforma e a Civilização.

A História da Filosofia, de 1918, obra de caráter didático, fruto do seu magistério no Colégio Santo Inácio, entre o seu curso de filosofia e o seu curso de Teologia, no período 1916-1920, já ultrapassou a vigésima edição. Enriqueceu-a em 1928 com um ensaio a respeito da filosofia no Brasil. Foi um tanto severo com Farias Brito e Sílvio Romero.

Da polêmica protestante, em que se especializou, resultaram Catolicismo e Protestantismo e O Protestantismo no Brasil, livros de apologetica. Polemizou com Oroniel Mota. Relíquias de uma Polêmica é a sua discussão teológica sobre o modernismo com José Oiticica. A polêmica veio da morte do cardeal Mercier, em 1926, esse Mercier por quem Franca guardava um carinho imenso.

Deixou inéditos e logo se publicaram alocuções, artigos doutrinários, estudos sobre a existência de Deus, liberdade e determinismo, a formação da personalidade. A História da Filosofia e a Filosofia da História o atraíram. Dois ensaios o tornaram famoso — o estudo sobre o divórcio e o livro sobre a psicologia da fé. São conferências que deu no Rio para o Centro Dom Vital. Fundou e por oito anos dirigiu a primeira Universidade Católica do Bra-

sil. Foi um conferencista importante nas décadas de 20 e 30, quando falava para auditórios repletos, em que se viam Epitácio Pessoa, Alceu Amoroso Lima, Ismael Nery, Murilo Mendes, Sobral Pinto, Hamilton Nogueira, Augusto Frederico Schmidt.

Nele, o conferencista erudito e polêmico e o mestre espiritual se completavam harmoniosamente. Francisco Leme Lopes chamou-lhe com razão o padre espiritual da inteligência brasileira. Leitor de Vieira e de Rui, escrevia como um clássico. Tinha uma formação sistemática. E o misticismo dava a esse conjunto, de saber e de ascese, uma dimensão propriamente sedutora.

O estudo, que publicou na revista Verbum sobre Catolicismo e Totalitarismo, 1944, em plena guerra, dá-nos a medida da sua extraordinária capacidade de resumir doutrinas, expor textos filosóficos, discutir idéias. Foi um expositor. Tinha a clareza, a concisão, a precisão dos grandes analistas, que são ao mesmo tempo espíritos de síntese. Esse longo artigo de há quarenta anos talvez seja a sua obra-prima.

A sua alocução quando a Universidade Católica recebeu o título de Pontifícia, em 1947, um ano antes da sua morte prematura aos 55 anos, a mesma idade com que morreu Farias Brito, é um dos textos mais belos que já se escreveram no Brasil. O último tema da sua vida foi a democracia, como se vê através da admirável conferência, de tanta densidade doutrinária, Rumos da Democracia, de 1946. Preocupava-o a reconstrução do mundo, ou seja, a obra da criação da paz.

Falando sobre o tomismo em duas conferências, mostrava-nos a sua fidelidade a Santo Tomás, entendido não como um marco, mas como um farol. Sobre Tristão de Ataíde escreveu uma página vigorosa, de 1943, que está no livro coletivo Testemunho, com depoimentos sobre Alceu.

Um dos capítulos mais fascinantes da história cultural do Brasil é o da amizade que uniu por vinte anos Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima. Franca foi o confessor de Alceu de 1928 a 1948. Franca personificou o equilíbrio no grande movimento de renovação do catolicismo brasileiro, depois da Guerra de 1914. Entre junho e agosto de 1928, foi ele quem acompanhou na intimidade o debate de Alceu consigo mesmo, na hora da passagem de uma disponibilidade gideana ao engajamento religioso ou ao catolicismo integral.

Do padre Franca há também os prefácios tão belos ao livro Confitôor, de Paulo Setúbal, ao Ascensões da Alma, de Pandiá Calógeras, 1934, e à tradução de Alexandre Correia da Suma Teológica, de Santo Tomás. A figura de Elisabeth Leseur o fascinava. E foi no Concílio Plenário Brasileiro, de 1939, o principal consultor teológico do cardeal dom Sebastião Leme, que o tinha na mais alta conta.

Três fatores o modelaram tal como foi — a formação ascético-mística da sua Ordem religiosa, em que entrou aos 15 anos, o temperamento introvertido, de contemplativo, e a enfermidade, a deficiência cardíaca que o perseguiu desde menino.

Na Bahia, por ocasião do Congresso Eucarístico Nacional, 1933, fez o padre Franca notáveis conferências apologeticas e essa viagem à terra das suas raízes humanas, pois era de família baiana, sobrinho de dom Antônio de Macedo Costa, foi a única excursão triunfal da sua vida. Viajou com Alceu e dom Leme.

Tentou sempre esclarecer as inteligências no sentido da conciliação entre religião revelada e a pesquisa experimental, a razão e a fé, a cultura e a Igreja. J dizia em 1922, em carta ao padre Madureira, que o seu caminho, o seu rumo seria o do apostolado universitário.

Cristianismo e Civilização, tal o tema por excelência de tão fecunda vida. A 8 de maio de 1941, Alceu Amoroso Lima assir falava na Academia Brasileira sobre o livro A Crise do Mundo Moderno: “Uma das suas obras que marcam um ano literário honram a inteligência e a cultura de todo um povo”.

Franca sucede a dom José Gaspar de Afonseca e Silva no Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, em 1944. Para ele, cultura é a realização integral da verdade na vida. Apologeta da verdade. Foi cabeça mais organizada da sua geração. Sua lógica era de cimento armado, com gostava de dizer Murilo Mendes. No suplemento literário de A Manhã, de 12 de setembro de 1948, escrevia Tristão de Ataíde apenas nove dias depois da morte de Leonel Franca: “Foi no plano filosófico-teológico o que Rui foi no plano político-jurídico. Um florete de analista invencível, nas mãos de um lutador de cultura inabalável e profunda”.

Seu pensamento polêmico tende sempre à unidade e à paz. O lema fundamental da sua vida de místico foi realizá-la plenamente a verdade na caridade. Nosso Newman.

No ato de inauguração do Instituto Católico de Estudos Superiores, no Rio em maio de 1932, discursaram Alceu Leonel Franca e frei Pedro Secondi. Na hora da fundação da Universidade Católica do Rio, em 1941, falaram ainda Alceu Franca e Afonso Pena Júnior. Ele foi nosso Mercier. Um tomista aberto às correntes modernas de renovação profunda da Escolástica. Leu e valorizou Marécha voltado para Kant e o problema crítico Sertillanges, Maritain, Gilsom, Rousselot.

Passava horas no confessionário ouvir as almas. E não perdia sessão do Conselho Nacional de Educação, de que foi um dos fundadores, em 1931. Em junho de 1948, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira, por conjunto de obra. Estava já muito doente. Não pôde receber pessoalmente a laure. Foi Francisco Leme Lopes quem a recebeu para ele.

O seu enterro a 4 de setembro de 1948 foi uma consagração. O Brasil inteiro estava. E Alceu Amoroso Lima exprimiu então num discurso comovente a opinião geral. Um discurso antes chorado que lid “Abaixo de Deus”, dizia ele, “devo ao senhor, Padre Franca, a luz da Fé”.

Ali estavam os mais altos órgãos culturais do Brasil, as Universidades e Conselhos Federais. Os professores e juventude. Diante de alguém que, menino renunciara a todas as glórias do mundo para ser apenas um missionário da verdade.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "O ESTADO DE SÃO PAULO" Nº 217 DE 05-08-1984 — N. EM S. GABRIEL (RS) 07-01-1893 - PAL. NO RIO EM 03-09-1948



PADRE LEONEL DE FRANCA — nasceu em São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, em 1893. Ingressou na Companhia de Jesus em 1908, ordenando-se sacerdote em 1923. Doutor em Teologia e Filosofia. Foi o fundador da Universidade Católica, em 1940. Deixou vasta bibliografia: “Noções de História da Filosofia”; “Apontamentos de Química Geral”; “A Igreja, a Reforma e a Civilização” — obra esta que reaproximou a Igreja Católica e a Literatura, a Cultura e o Espírito, tornando-o respeitado e conhecido, juntamente com a geração de 22, desempenhando papel decisivo na modelagem espiritual da nova geração; “Relíquias de uma Polêmica”; “Ensino Religioso e Ensino Leigo”; “O Divórcio”; “Catolicismo e Protestantismo”; “Lutero e o Sr. Frederico Hansen”; “A Psicologia da Fé”; “O Protestantismo no Brasil”; “A Crise do Mundo Moderno”; “Imitação de Cristo”, tradução; “Livro dos Salmos”, tradução; “Pensamentos Espirituais”; “O Método Pedagógico dos Jesuítas”, tradução; “Obras Completas”.

A ação pessoal do Padre Leonel de Franca, de temperamento e formação filosófica em adesão total à Verdade Revelada e ao magistério da Igreja Católica, foi considerável. A solidez dos seus conhecimentos, a harmonia de sua formação, a arrumação ordenada do seu espírito, a imensa penetração psicológica, muito contribuíram para isso.

O Padre Leonel de Franca faleceu no Rio de Janeiro em 1948.

**DIA 3 DE SETEMBRO**

1948 — Morre no Rio de Janeiro o padre Leonel Franca, nascido em São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, em 7 de janeiro de 1893. Ingressou na Companhia de Jesus, doutorou-se em filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma, lecionou matemática, foi Reitor da Universidade Católica do Rio de Janeiro e membro do Conselho Nacional de Educação. Publicou, entre outros, os livros: "A Igreja, a Reforma e a Civilização", "A Psicologia da Fé", "A crise do mundo moderno" e "Noções da História da Filosofia". Era apaixonado pela ortodoxia católica e dele se escreveu que "era barra de aço coberta de veludo" tal a força de seus argumentos em defesa da fé católica e suave forma com que enfrentava os contraditores.

FRANCA, LEONEL, PADRE

□ *Padre Leonel Edgar da Silveira Franca nasceu em São Gabriel, Rio Grande do Sul, a 7 de janeiro de 1893, e morreu no Rio de Janeiro, a 3 de setembro de 1948. Sacerdote jesuíta, educador, filósofo e escritor brasileiro, fundador da Universidade Católica do Rio de Janeiro.*



Inclinado para a vida religiosa, ingressou na Companhia de Jesus em 1908. Seguiu para Roma e em 1924 doutorou-se em Filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana. Tinha recebido as ordens sacerdotais no ano anterior. Retornando ao Rio de Janeiro desenvolveu inúmeras atividades, assumindo (1933) a vice-reitoria do Colégio Santo Inácio. Em 1940, quando da realização do Concílio Plenário, padre Leonel exerceu as funções de consultor, em Teologia, dos bispos do Brasil. Ocupando seguidamente cargos de relevo, dedicava-se, ainda, à Literatura. Produziu algumas dezenas de obras, destacando-se: *Noções de História da Filosofia* (1918); *Ensino Religioso e Ensino Leigo* (1931); *A Crise do Mundo Moderno* (1940); *A Igreja, a Reforma e a Civilização*; *O Divórcio*; *Catolicismo e Protestantismo*; *A Psicologia da Fé*; *O Protestantismo no Brasil* etc. É sua a tradução de *A Imitação de Cristo* (1947). No dia 12 de novembro de 1940, padre Leonel fundou a Universidade Católica do Rio de Janeiro, sendo o seu primeiro reitor.

